

CAIS DO SODRÉ

DAS TAVERNAS DE MARINHEIROS À REVOLUÇÃO JAMAICA E TOKYO

Coordenação e texto
JOÃO MACDONALD

Texto (Parte 3)
GUIOMAR BELO MARQUES

Produção
CARLOS MACHETE RAMADINHA

Design
LUÍS CARLOS AMARO

O comboio abranda,
é o Cais do Sodré.
Cheguei a Lisboa,
mas não
a uma conclusão.

Livro do Desassossego
Bernardo Soares (Fernando Pessoa)

© 2025, João Macdonald e Edições tinta-da-china, Lda.
Palacete da Quinta dos Ulmeiros
Alameda das Linhas de Torres, 152 — E.10
1750-149 Lisboa — Portugal
Tel.: 21 726 90 28
E-mail: info@tintadachina.pt

www.tintadachina.pt

Título: *Cais do Sodré: Das tavernas de marinheiros à revolução Jamaica e Tokyo*

Design: Luís Carlos Amaro

Produção: Carlos Machete Ramadinha

Investigação e textos: João Macdonald, Guiomar Belo Marques (Parte 3)

Fotografias de capa e contracapa: Jorge Nogueira

Fotografias (inéditas): Jorge Nogueira, Luís Pavão, Peter Machado,
Pietà Magalhães, Agência Geral de Reportagem Fotográfica Valverde/FotOld,
Espólio Atlântico Bar, João Macdonald

Revisão: Tinta-da-china

Impressão: Guide, Artes Gráficas

1.ª edição: Dezembro de 2025

ISBN 978-989-595-001-0

Depósito legal n.º 557062/25

Apoio:

TOKYO



índice

INTRODUÇÃO	6
MAPA	8
ONDE FICA O SODRÉ?	12
PARTE 1 Aparições — séculos XVI-XIX	18
PARTE 2 Evoluções — 1904-1955	52
PARTE 3 Revoluções — 1974-1993	98
PARTE 4 Futuros — século XXI	162
SEM CONCLUSÃO	183
ENCICLOPÉDIA BREVE	184
FONTES E BIBLIOGRAFIA	190

introdução

ESTE LIVRO COMEÇA NA IDADE MÉDIA E ACABA NA MADRUGADA do próximo sábado. Inclui taverneiros, marinheiros, contrabandistas, prostitutas, proxenetas, alcoólicos, malandragem em geral, polícias, políticos, conspiradores, sociedades secretas, vigilantes e revolucionários, viajantes, negociantes, artistas e escritores, gente aparentemente de bem e gente aparentemente de mal, empresários visionários, DJ, músicos, cozinheiros, e um papagaio bilingue.

Ensaiai uma história do Cais do Sodré noctívago, que é o que se passa nestas páginas, não é necessariamente algo destinado ao sucesso. Espécie de cidade-livre dentro de Lisboa, a sua natureza dissoluta desafia o esforço do compilador. A metáfora mais óbvia do Sodré — vai-e-vem interminável do Tejo — sintetiza a dificuldade em estabelecer grandes determinações. O volume que o leitor tem em mãos é, roubando a definição dada por Herman Melville à sua obra-prima baleeira, o rascunho de um rascunho.

Posto isto, assunto não falta.

Ele vai das notícias do proto-Sodré de fora-de-muralhas de 1300 e muitos a uma certa ébria de Gil Vicente que por ali andou uns 200 anos depois. Recorre aos registos oficiais, oficiosos e civis dos séculos XVII e XVIII e aos antiquários de finais de XIX e começos de XX — os admiráveis olisipógrafos e memorialistas Júlio de Castilho, Pinto de Carvalho e Norberto de Araújo, entre outros, conhecedores directos daquelas ruas. Usa-se a

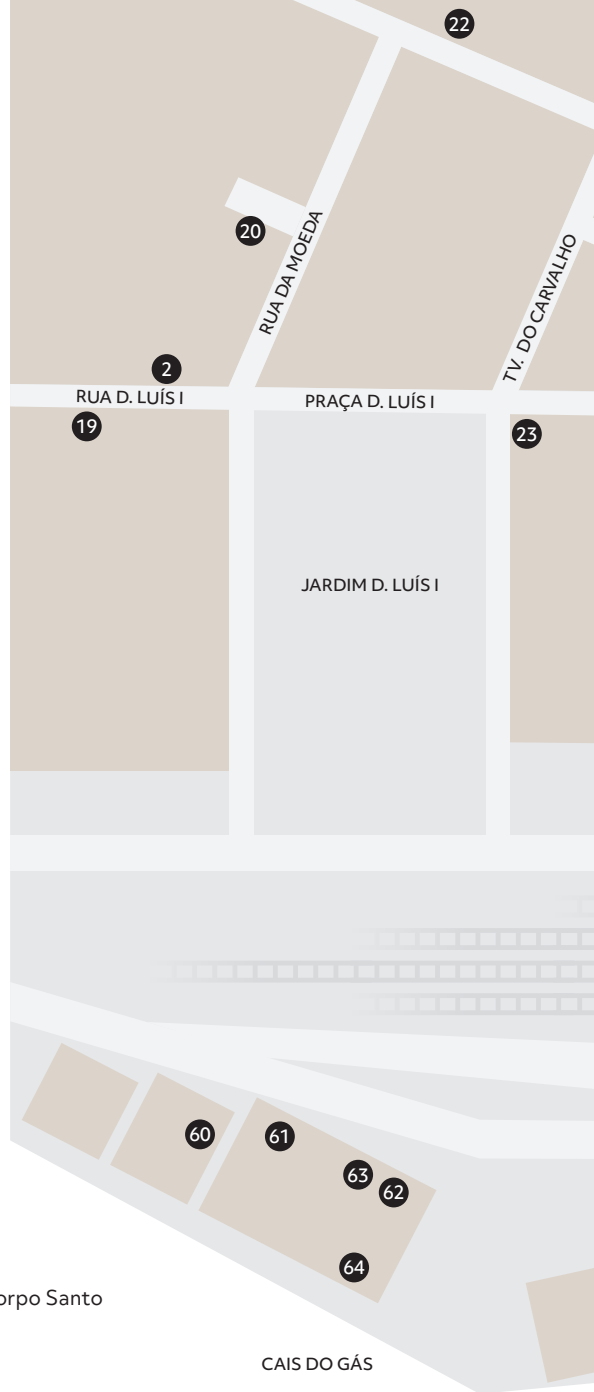
imprensa antiga e a de ontem, e uma profusão de testemunhos digitais e vivos (e o aprendido pela participação e observação dos autores deste vade-mécum narrativo). A riqueza da informação é inebriante.

O subtítulo deste livro diz *Das tavernas de marinheiros à revolução Jamaica e Tokyo*. O segundo período da frase não exagera. No virar da década de 1970 para a seguinte, aquelas duas discotecas — nomes impossíveis de dissociar do Cais, mesmo para quem nunca o visitou — deram ao Sodré *bairro vermelho*, que há mais de meio milénio era bastardo de Lisboa, uma modernidade noctívaga, aberta a todos, tirando-o do regime bacântico há muito já não glamoroso. Foi uma convulsão progressista, social, musical, rejuvenescente. Porventura com demasiado sucesso: sem a revolução Jamaica-Tokyo, e tudo o que ela acendeu, nunca teria acontecido o fenómeno Rua Cor-de-rosa (celebrada por uns, insuportável para outros). Essas históricas discotecas deixaram o Sodré. Reinventaram-se no vizinho Cais do Gás, em 2022 (e o Europa, em 2025), mantendo-se fiéis à sua história, e exponenciadas.

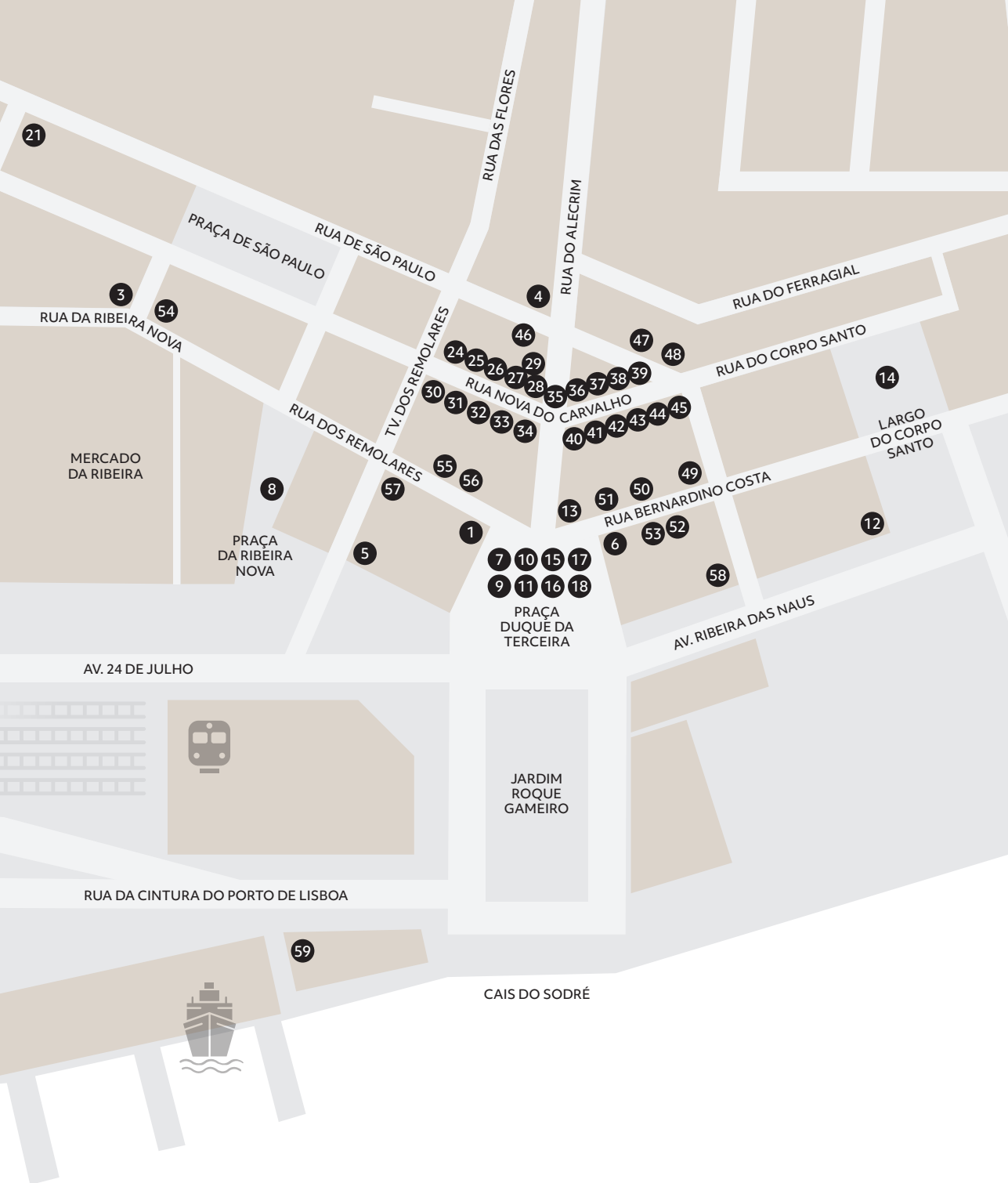
O Sodré é muitos Sodrés — ver, no fim, a Enciclopédia breve, que compila 45 dos seus mais notórios bares do século XX. Para perceber todo o arquipélago, desde quando a memória o permite, vem um útil mapa a seguir a esta introdução.

E assim começa a noite.

1. Café Neutral
2. Adega dos Macacos
3. Botequim do Caraças
4. Leão de Ouro
5. Restaurante Marrare > Taverna Inglesa
6. Café do Grego > Café Londres
7. Botequim de Pedro de Sousa
8. Bilhar da Marinha
9. Café da Marinha
10. Café do Comércio
11. Café dos Lustres Cobertos
12. Casa de Pasto Sardinha Assada > Solar do Kadete
13. Restaurante do Espanhol > Café Royal
14. Restaurante de Simone Molle
15. Restaurante Gibraltar
16. Restaurante Price
17. Café do Bernardo
18. Restaurante de José Manuel
19. Absolut
20. Lounge
21. A Tabacaria
22. Tabernáculo
23. Rive Rouge
24. Sol & Pesca
25. Bar da Velha Senhora > Menina e Moça
26. Pensão Amor
27. Arizona > Povo
28. Roterdão
29. Bouzouki
30. Restaurante Rio Grande
31. Piréus > Shangri-La > Bar do Cais
32. Niagara > Espumantaria do Cais
33. Scandinavia > Espumantaria do Cais
34. Pass Port > Vache Folle > Ménage Strip Club
35. Texas > Musicbox
36. Bar Naval
37. Europa (1.ª fase)
38. Tamisa > Tokyo (1.ª fase)
39. Jamaica
40. Hamburg
41. Liverpool
42. Jorge Bar > New York > Cais Bar
43. Oslo
44. Lusitano
45. Filadélfia > Viking
46. Transmission
47. Sabotage
48. Copenhagen
49. Casa de Pasto de José Bento Pinho > Restaurante do Corpo Santo
50. English Bar
51. British Bar
52. Bar Americano
53. Califórnia
54. Casa Cid
55. Porto de Abrigo
56. Atlântico Bar > O'Gilins Irish Pub
57. Adega dos Canários
58. Hennessy's Irish Pub
59. Bar do Rio > Fiéis ao Bar do Rio > Station > Lisboa Rio
60. B. Leza
61. Titanic Sur Mer
62. Tokyo (2.ª fase)
63. Jamaica (2.ª fase)
64. Europa (2.ª fase)



O símbolo > indica o nome posterior da casa. Os números agrupados na Praça Duque da Terceira e no Largo do Corpo Santo são estabelecimentos sem endereço exacto conhecido, que existiram nessas áreas.



CAIS DO SODRÉ SÉCS. XVIII-XXI

Cafés, tavernas, restaurantes, bares, discotecas.







A Lisboa medieval (apesar de a gravura ser de 1548), algo imaginária e esquematizada, num livro de geografia espanhol. No extremo inferior esquerdo, fora da muralha, podemos imaginar o futuro lugar dos Remolares.
BNE



A vermelho, a Cerca Fernandina levantada no século XIV, sobreposta a uma planta de 1856-58 (as linhas interiores são a muralha muçulmana e a extensão da de D. Dinis). Em destaque: a zona onde nasceu o Sodré, exterior à fortificação. (Esquema de Augusto Vieira da Silva.)
BNP

Onde fica o Sodré?

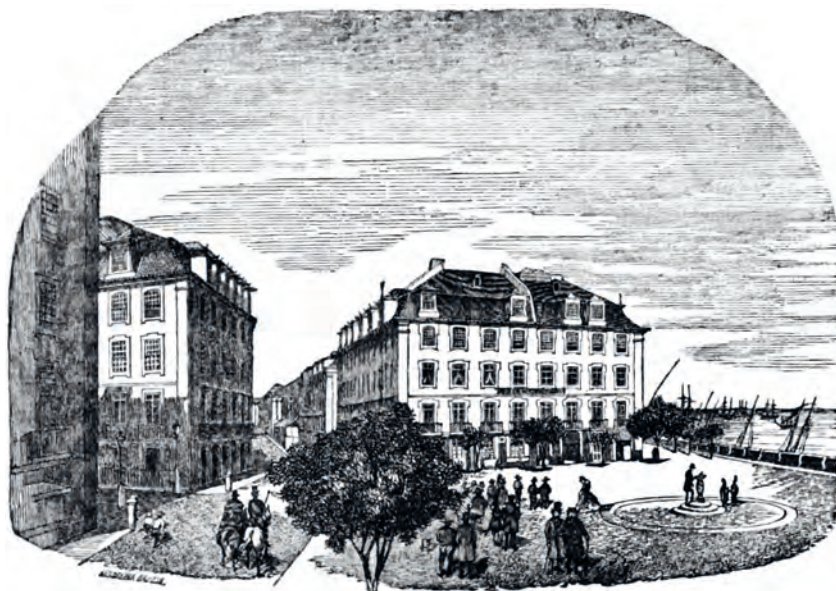
Começou como subúrbio medieval e chegou a urbanismo exemplar. Eis a história dessas ruas, antes de entrarmos nos bares.

OLHAMOS PARA UMA PLANTA DE LISBOA COM A CERCA FERNANDINA. É a muralha que o rei D. Fernando I (1345-1383) mandou construir, em 1373. Na parte que nos interessa, ela seguia mais ou menos uma linha recta desde o actual Largo Trindade Coelho (ao Bairro Alto) até ao Tejo, descendo a Rua da Misericórdia, depois virando no sentido da Baixa, perto da esquina da Rua do Alecrim com a do Ferragial. Foi no exterior deste ângulo que o Sodré nasceu. Portanto, fora da muralha, zona de maior protecção e vigilância — o que já diz algo sobre a natureza do lugar. Mas, para percebermos melhor a origem do Sodré, temos de ir um pouco ao lado.

Naquela época, a margem do rio era mais recuada. Chegava quase ao sítio onde hoje está o Arco da Rua Augusta. Nos 125 anos seguintes foi assoreada. A partir de 1498, por iniciativa de D. Manuel I (1469-1521), nasceu o Terreiro do Paço, erguido sobre um braço do Tejo que ficou subterrâneo. O nome deve-se ao Paço da Ribeira, a residência dos monarcas ali levantada, que até 1503 era no Castelo de São Jorge. Esta obra fez toda a diferença na definição do futuro Sodré. É que, para construir o Paço, transferiram-se mais para a esquerda (o nosso ponto de vista é do rio) os estaleiros navais ali existentes. A nova área ficou conhecida como Ribeira das Naus (também lhe chamamos Arsenal da Marinha). Antes, pelo menos desde o século XV, tinha o nome de Cata-que-Farás. Englobava tudo o que ia da Ribeira das Naus ao extremo ocidental do quarteirão de Corpo Santo. E, logo a seguir, havia um bairro chamado Remolares, que em meados do século XVI já tinha um largo homónimo, correspondente depois à Praça Duque da Terceira. Ou seja, o coração do Sodré. Habitava-o gente das profissões do mar, dependente dos estaleiros. Daí o nome Remolares: um *remolar* é um fabricante de remos. «Era um aglomerado de vielas» que se «ressentiam dos dois elementos que as frequentavam: pescadores e desordeiros», com muitas tavernas como cenário, retroprojectou o olisipógrafo Júlio de Castilho (1840-1919) em *A Ribeira de Lisboa* (1893).

ção, em 1877, pelo Monumento ao Duque da Terceira, com estátua da autoria de José Simões de Almeida (Tio) (1844-1926); a praça só recebeu o nome do herói das Guerras Liberais em 1889. A conclusão do Aterro deu-se pouco antes de 1910. A extensão final gerou a área daquilo a que primeiro se chamou Jardim do Cais do Sodré, em frente à estação ferroviária, projectado em 1909 e rebaptizado Jardim Roque Gameiro, em 1934. Nele está a estátua *Ao Leme*, de Francisco dos Santos (1878-1930), inaugurada em 1915, um ano após a instalação do vizinho Posto do Relógio Padrão da Hora Legal — aquele famoso relógio do Sodré —, directo herdeiro científico da Meridiana dos Remolares.

O Aterro permitiu duas plataformas importantes de transporte, essenciais para a entrada na cidade, tanto para viajantes vindos do Atlântico como para residentes na margem sul do Tejo e no ocidente de Lisboa e, bem visto, para os que procuravam e procuram o Sodré noctívago. Por um lado, aquilo que oficialmente é o Terminal Fluvial do Cais do Sodré, estabelecido nos finais do século XIX, reformulação do cais propriamente dito, situado no acesso da Praça dos Remolares ao rio. Até meados do século XX esteve no extremo do Jardim Roque Gameiro, passando depois umas dezenas de metros para a esquerda (o nosso ponto de vista continua a ser do Tejo), e, em 2004, abriram-se as instalações actuais. Por outro lado, a Estação Ferroviária do Cais do Sodré, limite da Linha de Cascais, foi inaugurada em 1895, em edifício



A Praça dos Remolares num *Arquivo Pitoresco* de 1860. À direita vê-se o relógio de sol conhecido como Meridiana dos Remolares. (Desenho de Nogueira da Silva.)

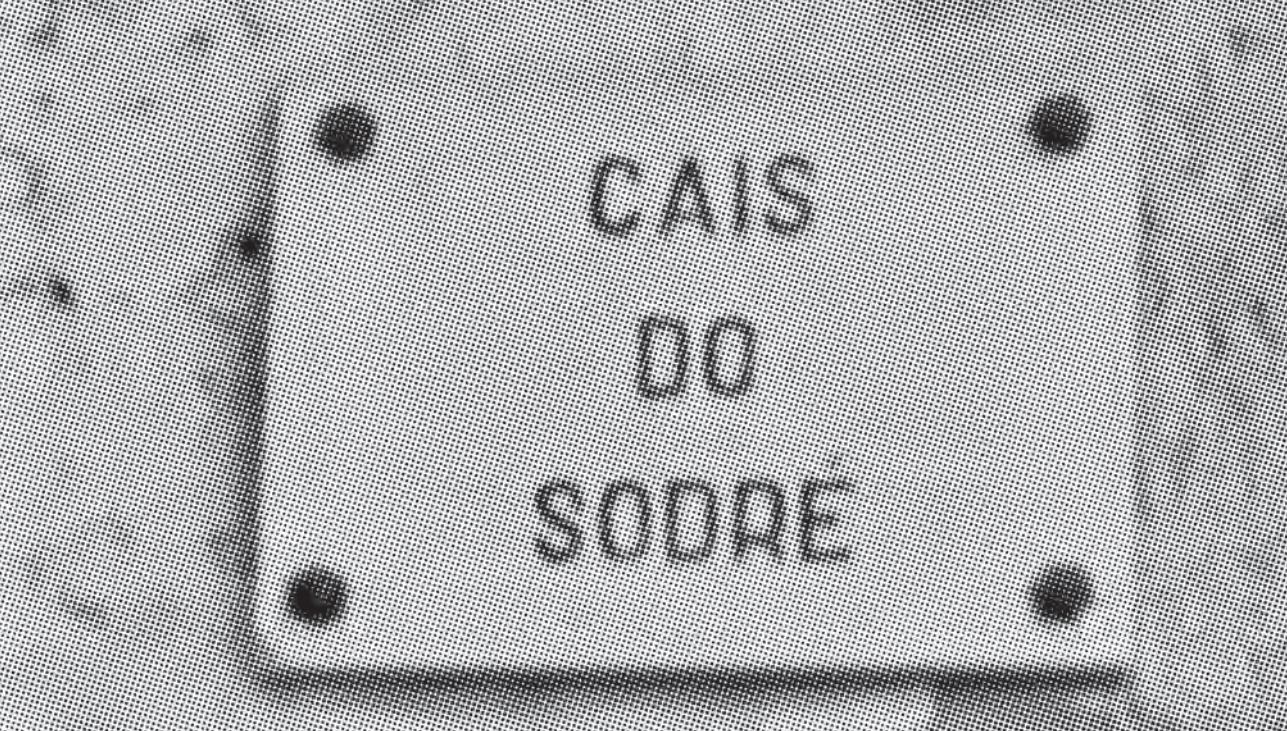
HTDL

modesto. Em 1928, finalizou-se o complexo moderno, desenhado por Porfírio Pardal Monteiro (1897-1957) — cuja cobertura das plataformas (projectada por um engenheiro) desabou em Maio de 1963, provocando dezenas de mortos e feridos —, e em 1998, foi ligado à estação homónima do Metropolitano de Lisboa, concebida pelos arquitectos Nuno Teotónio Pereira (1922-2016) e Pedro Botelho (1948-; também autor do actual terminal fluvial).

Mas, hoje, onde fica *exactamente* o original cais (note-se a minúscula na palavra) do Sodré? Em lado nenhum. É que o embarcadouro primevo desapareceu no final do século XIX, quando a Praça dos Remolares deixou de estar junto ao rio, por causa do acrescento do Jardim Roque Gameiro. O melhor que temos é uma placa toponímica (quatro, aliás) em que ninguém repara, lá ao lado: identifica uma ex-rua que agora é passeio, da Duque da Terceira ao Largo do Corpo Santo, dois quarteirões separados pela Travessa do Corpo Santo. E ninguém repara porque, para todos os efeitos, este pedaço pertence à Avenida Ribeira das Naus (inaugurada em 1948), a via marginal até à Praça do Comércio. Mas as placas estão lá, nos extremos dos quarteirões — que, em alturas várias, albergaram o Café do Grego, o Café Londres, o Grande Hotel Central, a Casa de Pasto Sardinha Assada, o Bar Americano, o Bar Califórnia e o Hennessy's Irish Pub. Nas placas lê-se claramente «Cais do Sodré». Entremos então nele e em todos os seus balcões.



O Sodré na década de 1950. Fotografia de Abreu Nunes.
BAG



Porquê «Sodré»?

A mais antiga conhecida referência escrita a «caes do Sodré» está numa notícia de 23 de Junho de 1789, da Gazeta de Lisboa, sobre a chegada ali de um novo embaixador espanhol, o conde de Cifuentes. Até então ter-se-ia simplesmente chamado Cais do Embarque. Mas a designação é por certo muito anterior. Relaciona-se com os Sodré, família de, pelo menos, meados do século xiv, que teve inúmeros oficiais na armada. Documentos quinhentistas lidos por Júlio de Castilho indicam-nos como proprietários de prédios na Rua do Ferragial, Corpo Santo, Remolares e São Paulo. O historiador António da Silva Túlio (1818-1884) afirmou que, depois do Terramoto de 1755, um Vicente Sodré (não confundir com um homónimo da mesma linhagem, explorador do Índico e tio de Vasco da Gama) mandou construir o grande prédio ainda hoje existente na face oriental da Praça Duque da Terceira e ajudou à obra do cais. Portanto, será especificamente deste Vicente Sodré que veio o nome do cais e da zona.

Quanto à origem do patronímico, ela é obscura. Alguns textos antigos, mais ou menos apócrifos nas suas teorias, dizem que Sodré é uma corruptela do inglês Sudley, de cuja família um membro teria chegado a Portugal por altura do Tratado de Tagilde, de 1372 (fundamento da Aliança Luso-Britânica). Mas um descendente da família, o genealogista Sérgio Sodré de Castro, defendeu, em 2010, ser mais provável o apelido vir de «uma alcunha indecifrável». (E, acrescentou, «actualmente existem, em Inglaterra, os apelidos Sodoyer, do francês antigo, e Souder, do inglês médio, 1066-1475».)

COES

PARTE 1 / SÉCULOS XVI – XIX

APARI-

A partir dos anos 1500 a matriz pândega, bandida e insurrecta do Sodré fixou-se para sempre. Nos séculos seguintes entraram a política, as conspirações e as sociedades secretas. E os primeiros cafés e os restaurantes finos e as altas clientelas. E o mundo inteiro desembarcou aqui.

Haja vinho!

SÉCS. XVI-XVII

A MAIOR BÊBEDA DE PORTUGAL foi Maria Parda. Pelo menos, assim garantiu Gil Vicente (c. 1465-c. 1536), que a inventou na comédia *Pranto de Maria Parda*, de 1522. *Pranto*, explicou o mestre, «porque viu as ruas de Lisboa com tão poucos ramos nas tavernas» — havendo muitos, sinalizavam pipas cheias — e «o vinho caro». A sedenta Parda atravessa os bairros da cidade buscando quem lhe sirva um copo. A certa altura passa por Cata-que-Farás, bairro que era o extremo oriental do futuro Sodré. E lamenta, recordando quando teve dinheiro («cento» e «cinquinho») para beber com uma amiga:

Rua de Cata-que-Farás,
que farei, e que farás;
quando vos vi tal chorei,
e tornei-me de para trás,
que foi do vosso bom vinho:
e tantos ramos de pinho [...]
onde bebemos, Joana,
e eu cento, e um cinquinho.

A comédia de 1522 de Gil Vicente, que passa pelas tavernas de uma parte do antigo Sodré, o bairro de Cata-que-Farás.
BNP

PRANTO DE MARIA PARDA,

Porque vio as Ruas de Lisboa com tão poucos ramos das
Tavernas, & o vinho caro.



PO'dem-se imprimir. Em S. Eloy de Lisboa a 14. de Julho de
1619.

M. Vicente da Resurreição.

Concorda com este original impresso, que me fica em S. Eloy de
Lisboa a 25. de Novembro de 1619.

M. Vicente da Resurreição.

Póde-se imprimir.

Fr. Francisco Guerreyro.

Com todas as licenças necessarias.

Em Lisboa, por Domingos Carneyro, Impressor das tres Ordens
Militares. Anno 1665.



Maria Parda entre pipas vazias, noutra da edição da peça no século xvi.
BNP

A peça de Gil Vicente tem fundo histórico: refere-se a anos de má produção vinícola. Em todo o caso, as tavernas tinham sempre dificuldade em servir os muitos bebedores de Lisboa. Por volta de 1550, 25 anos após as angústias líquidas de Parda, a cidade estava há muito sobrelotada: tinha cerca 113 mil habitantes para 18 mil fogos, seis por cada, em média. Um dos geógrafos da época, Gaspar Barreiros (c. 1515-1574), escreveu, em 1561, que «dificultosamente se acharão casas em que não pousem muitos moradores». Em 1620, a população subiu para perto de 130 mil. Nesse ano, frei Nicolau de Oliveira (c. 1566-1634) publicou a estatística *Livro das Grandezas de Lisboa*, informando haver 90 estalagens e mais de duas mil «tavernas, casas de pasteleiros e outras casas em que se dá de comer», não especificando quantas ficavam no Sodré — sendo que, para dar uma ideia mínima da clientela bebedora, trabalhavam na justaposta Ribeira das Naus cerca de 1250 carpinteiros e calafates (vedantes das madeiras dos navios).

De Cata-que-Farás a São Paulo — portanto, com os Remolares/Sodré a meio —, Lisboa fez-se cosmopolita. Em 1627 um anónimo escreveu ser o sítio de eleição das «nações estrangeiras [...] catalã, italiana, e tudesca [i.e., alemã], francesa, e biscainha [basca], siciliana e flamenga», estando ainda Portugal sob o domínio espanhol (1580 a 1640). Duas décadas depois encontra-se uma das mais antigas referências, se não a mais antiga, à *hotelaria* do Sodré: entre Dezembro de 1645 e Julho seguinte o diplomata francês Balthasar de Monconys (1611-1665) alojou-se em casa de um Almeida, que ficava na Praça dos Remolares, pagando-lhe «dois vinténs por dia», refeições incluídas, contou o próprio nas suas memórias. Por outro lado, observou-se, na mesma altura, o agravamento do referido problema habitacional e também do prejuízo fiscal causado pelo contrabando, sintomático de um lugar portuário. Entre a Ribeira das Naus e São Paulo ergueram-se construções ilegais na praia, tornando tudo um labirinto favorável aos negócios obscuros. Em 1678 o príncipe D. Pedro (1648-1706) — futuro Pedro II, então regente do irmão, Afonso VI (1643-1683) — mandou fechar as portas e janelas «das tabernas e casas que estão junto do mar», em frente aos Remolares, demolir as possíveis e proibir construções novas (decreto transcrito em *Elementos para a História do Município de Lisboa*, compilados por Eduardo Freire de Oliveira). Este período terá sido o zénite caótico do Sodré taverneiro e traficante.